

**-- CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS --**

Para os teóricos românticos, o Classicismo (que para eles engloba o que depois se chamou Barroco) teria sido expressão do colonizador português, perturbando o desenvolvimento original da literatura brasileira. Inversamente, o Romantismo representaria o espírito nacional, permitindo com a sua liberdade criadora a manifestação do gênio brasileiro inspirado pelas características da terra, da sociedade, dos ideais. Esta noção nitidamente ideológica correspondia a um estágio da consciência nacional em plena euforia. Historicamente a literatura do período colonial foi algo imposto, inevitavelmente imposto, como o resto do equipamento cultural dos portugueses. E este fato nada tem de negativo em si, desde que focalizemos a colonização, não pelo que poderia ter sido, mas pelo que realmente foi como processo de criação do País, com todas as suas misérias e grandezas. Certos traços que sempre foram censurados no Classicismo tornam-se fatores positivos, como a “artificialidade” das suas tendências. Quando Cláudio Manuel da Costa transforma em Polifemos as rochas da Capitania de Minas, e em Galateias os ribeirões cheios de ouro, está dando nome ao mundo e incorporando a realidade que o cerca a um sistema inteligível para os homens cultos da época, em qualquer país de civilização ocidental. Gregório de Matos pôs nos rigorosos limites convencionais do soneto não apenas a expressão dos padecimentos do amor e toda a inquietação do pecado (isto é, algo normal dentro da tradição), mas os costumes da sociedade em formação, com os seus preconceitos, as suas querelas, a sonoridade dos seus nomes indígenas. O importante é que através dessa convenção livresca manifestaram implicitamente, de maneira original, o contraste entre a civilização da Europa, que os fascinava e na qual se haviam formado intelectualmente, e a rusticidade da terra onde viviam, que amavam e desejavam exprimir. Na sociedade duramente estratificada, submetida à brutalidade de uma dominação baseada na escravidão, se de um lado os escritores e intelectuais reforçaram os valores impostos, puderam muitas vezes, de outro, usar a ambiguidade do seu instrumento e da sua posição para fazer o que é possível nesses casos: dar a sua voz aos que não poderiam nem saberiam falar em tais níveis de expressão.

Antonio Candido. *Literatura de dois gumes. In: A educação pela noite e outros ensaios.* Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, p. 212-216 (com adaptações).

Considerando o fragmento de texto precedente e os contextos literários a que ele remete, julgue os itens subsequentes.

- 51 O caráter duplo da literatura brasileira no período de sua formação — Classicismo e Romantismo — expressa-se no fato de que a literatura foi, ao mesmo tempo, imposição do colonizador e expressão nativista e nacional.
- 52 Dar “voz aos que não poderiam nem saberiam falar”, tal como mencionado ao final do texto, é tarefa artística que só os poetas românticos, na euforia da pós-independência, puderam cumprir.
- 53 No primeiro período do texto, a informação entre parênteses indica que, para os teóricos literários do Romantismo, o Barroco integrava o Classicismo.
- 54 A ideia central do texto é a de que o Romantismo logrou representar artisticamente a realidade brasileira, o que o Arcadismo, por sua artificialidade, não alcançou em suas obras.
- 55 Transformar em seres mitológicos rochas e ribeirões da Colônia foi uma das formas de o poeta árcade figurar a natureza, mas não a vida social da terra rústica em que vivia.
- 56 O poeta barroco Gregório de Matos escreveu sonetos líricos, religiosos e satíricos e, especialmente por meio desses últimos, figurou as contradições da vida social no Brasil Colônia.

Ao verme que primeiro roeu  
as frias carnes do meu cadáver  
dedico com saudosa lembrança  
estas Memórias Póstumas.

### CAPÍTULO I ÓBITO DO AUTOR

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

Machado de Assis. *Memórias Póstumas de Brás Cubas.* São Paulo: W. M. Jackson Editores, 1955, p. 6 e 11.

Bertoleza, que havia já feito subir o jantar dos caixeiros, estava de cócoras, no chão, escamando peixe, para a ceia do seu homem, quando viu parar defronte dela aquele grupo sinistro. Reconheceu logo o filho mais velho do seu primitivo senhor, e um calafrio percorreu-lhe o corpo. Num relance de grande perigo compreendeu a situação; adivinhou tudo com a lucidez de quem se vê perdido para sempre: adivinhou que tinha sido enganada; que a sua carta de alforria era uma mentira, e que o seu amante, não tendo coragem para matá-la, restituía-a ao cativo. Seu primeiro impulso foi de fugir. Mal, porém, circunvagou os olhos em torno de si, procurando escapula, o senhor adiantou-se dela e segurou-lhe o ombro. — É esta! disse aos soldados que, com um gesto, intimaram a desgraçada a segui-los. — Prendam-na! É escrava minha! A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar. Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado. E depois embarcou para a frente, rugindo e esfocinando moribunda numa lameira de sangue. João Romão fugira até ao canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos. Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca! trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito. Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas.

Aluísio Azevedo. *O cortiço.* Brasília: Edições Câmara, 2019, p. 233 (com adaptações).

A partir da leitura dos trechos dos romances de Machado de Assis e Aluísio Azevedo, julgue os itens a seguir.

- 57 Pela semelhança evidenciada entre os dois fragmentos — a temática da morte apresentada de forma crua —, é correto afirmar que os seus autores partilham a dimensão estética naturalista.
- 58 A caracterização da personagem Bertoleza como “anta bravia” que morre “rugindo e esfocinando moribunda numa lameira de sangue” expressa uma das principais características de **O cortiço**: a zoomorfização dos seres humanos.
- 59 No introito à narrativa de sua própria morte, Brás Cubas deixa evidentes traços marcantes de sua composição como narrador-personagem: suas contradições recorrentes, seu amor pelas aparências e sua megalomania.

- 60 Com base nos sentidos estabelecidos em cada um dos fragmentos de romance apresentados, é correto afirmar que o vocábulo “Pentateuco”, no primeiro fragmento, é exemplo de hiponímia, e a palavra “anta”, no segundo, de hiperonímia.
- 61 No trecho transcrito do romance de Machado de Assis, apresenta-se o fim da narrativa, com a morte do narrador, ao passo que, no trecho transcrito do romance de Aluísio Azevedo, é narrado o início do enredo: a morte de Bertoleza marca o alvorecer da abolição.
- 62 No fragmento do romance **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, prevalecem as relações de contraste — “autor defunto” e “defunto autor” — e a digressão do narrador; no fragmento de **O cortiço**, predomina uma sequência narrativa coesa de determinada situação ficcional com começo, meio e fim.

#### Graciliano Ramos:

Falo somente com o que falo:  
com as mesmas vinte palavras  
girando ao redor do sol  
que as limpa do que não é faça:

de toda uma crosta viscosa,  
resto de janta abaianada,  
que fica na lâmina e cega  
seu gosto da cicatriz clara.

(...)

Falo somente do que falo:  
do seco e de suas paisagens,  
Nordestes, debaixo de um sol  
ali do mais quente vinagre:

que reduz tudo ao espinhaço,  
cresta o simplesmente folhagem,  
folha prolixa, folharada, onde possa esconder-se a fraude.

(...)

Falo somente por quem falo:  
por quem existe nesses climas  
condicionados pelo sol,  
pelo gavião e outras rapinas:

e onde estão os solos inertes  
de tantas condições caatinga  
em que só cabe cultivar  
o que é sinônimo da míngua.

(...)

Falo somente para quem falo:  
quem padece sono de morto  
e precisa um despertador  
acre, como o sol sobre o olho:

que é quando o sol é estridente,  
a contrapelo, imperioso,  
e bate nas pálpebras como  
se bate numa porta a socos.

“Senti-me bastante perturbada com a necessidade de passar para o papel aquilo que algumas pessoas que ‘habitavam’ a minha cabeça estavam querendo dizer-me. Então perguntei ao Paim (o marido) se aquilo daria mesmo um conto, ou quem sabe um romance. Ele apenas aconselhou-me a dar corpo ao texto, mesmo que não fosse um romance.” Alina passou a escrever à noite enquanto o marido dormia, pois não queria que lesse absolutamente nada. Cinco meses depois de tê-lo concluído, tratou de ir à confeitaria Colombo, em Copacabana; em uma dessas oportunidades, deparou-se com Graciliano Ramos, a quem confiou o manuscrito de **Estrada da liberdade**; porém, sua única exigência era que ele dissesse se o que produziu era mesmo um romance. Acertaram um reencontro para 15 dias mais tarde. Qual foi sua surpresa ao ouvi-lo dizer: “Alina, é um romance, sim, e dos bons, porém falta-lhe aprimorar a técnica.” Segundo a romancista, naquele momento nasceu uma grande amizade entre ambos, capaz de despertar ciúmes não apenas no mundo literário, mas em alguns familiares e amigos. Iniciaram-se as aulas de técnicas literárias na casa de Graciliano, de modo que ele se tornou responsável pela correção e leitura dos seus dois romances seguintes. Sua amizade, com aquele a quem chamou carinhosamente de “Mestre Graça”, rompeu-se nove anos mais tarde, por ocasião de sua morte.

Ana Maria Leal Cardoso. **Alina Paim**: uma romancista esquecida nos labirintos do tempo. *In: Aletria*, maio-ago 2010, n. 2, v. 20, p. 126-127 (com adaptações).

Poucas vezes terá visto o romance brasileiro uma estreia tão segura de si quanto a de Francisco J. C. Dantas. O precedente, ilustre, que logo acode a lembrança é obviamente o de Graciliano Ramos com **Caetés** (1933). Tal como o ex-prefeito de Palmeira dos Índios que se apresentou escritor já feito aos olhos de seus primeiros leitores, este sergipano professor de Letras que, além de ter cumprido a penitência de duas teses universitárias, só publicara até agora contos e ensaios esparsos, é dono de uma linguagem vigorosa, pessoal, rara de encontrar-se num romance de estreia. **Coivara da memória** é outrossim, como **Caetés**, um romance meio fora de moda. Melhor dizendo: providencialmente fora de moda.

José Paulo Paes. **No rescaldo do fogo morto**: sobre a “Coivara da Memória” de Francisco Dantas. *In: Transleituras*. São Paulo, Ática, 1995, p.46.

Julgue os itens a seguir, referentes à leitura dos fragmentos de texto apresentados e ao contexto literário de sua produção.

- 63 Da leitura do texto de Ana Maria Leal Cardoso conclui-se que a relação de Alina Paim com Graciliano Ramos desenvolveu-se em uma clara sequência espaço-temporal: da solidão da escritora em sua casa à amizade e ao trabalho conjunto com o ‘Mestre Graça’.
- 64 O texto poético apresentado, além da referência explícita a Graciliano Ramos, reflete, em versos, a essência dos romances desse escritor, notadamente **Vidas secas**.
- 65 No fragmento de texto de Ana Maria Leal Cardoso, a narrativa do diálogo entre os romancistas Alina Paim e Graciliano Ramos permite a inferência de que, para ambos, no texto literário, a forma estética antecede em importância a mensagem.
- 66 A semelhança entre **Caetés**, romance de estreia de Graciliano Ramos, e **Coivara da memória**, primeiro romance de Francisco Dantas, mencionados no texto de José Paulo Paes, reside fundamentalmente no fato de que ambos os romancistas publicaram suas longas narrativas apenas em sua maturidade etária e literária.
- 67 No trecho de poema transcrito, a repetição da expressão “Falo somente” produz a coesão necessária à unidade do texto e ao movimento da *poiesis*, que se direciona do emissor ao receptor do texto poético, o que se evidencia pelo emprego dos segmentos “com o que”, “do que”, “por quem”, “para quem”.
- 68 O poema de João Cabral de Melo Neto e os textos de Ana Maria Leal Cardoso e José Paulo Paes evidenciam que a relevância de Graciliano Ramos, escritor modernista avesso ao primeiro modernismo, circunscreve-se ao regionalismo nordestino, que caracteriza as obras de João Cabral, Alina Paim e Francisco Dantas.

69 Em seu texto, José Paulo Paes afirma que **Coivara da memória** é um romance “meio fora de moda”, o que evidencia seu propósito crítico de informar implicitamente o valor relativo dessa obra de Francisco Dantas.

O conto **Miss Dollar**, de Machado de Assis, traz o leitor para dentro do texto já na primeira linha: “Era conveniente ao romance que o leitor ficasse muito tempo sem saber quem era Miss Dollar” e “sem a apresentação de Miss Dollar, seria o autor obrigado a longas digressões, que encheriam o papel sem adiantar a ação. Não há hesitação possível: vou apresentar lhes Miss Dollar:”. Engana-se, no entanto, a boa-fé de quem acreditar nessas promessas: ao contrário do que apregoara, o narrador entrega-se à volúpia de imaginar diferentes e variados tipos de leitores, cujas previsões sobre a identidade da personagem-título ele antecipa e desmente, valendo-se da autoridade narratorial. Começa refutando a imagem de Miss Dollar como “uma inglesa pálida e delgada, escassa de carnes e de sangue” creditada à imaginação de um “rapaz dado ao gênio melancólico”. Linhas abaixo, o texto inventa um outro leitor, atribuindo a este a imagem de uma Miss Dollar “robusta americana, vertendo o sangue pelas faces, formas arredondadas, olhos vivos e ardentes, mulher feita, refeita, perfeita”. No parágrafo subsequente, o mesmo imaginoso narrador investiga as expectativas de um outro tipo de leitor: daquele que, tendo já passado a segunda mocidade, tem à sua frente uma velhice sem recursos, para quem, então, a Miss Dollar do conto deve ser “boa inglesa de cinquenta anos, dotada com algumas mil libras esterlinas, e que, aportando ao Brasil em procura de assunto para escrever um romance, realizasse um romance verdadeiro, casando com o leitor aludido”. Vê-se que o narrador de **Miss Dollar** dispõe de galeria inesgotável de leitores-personagens que faz desfilar pelo texto: ao antecipar uma vez mais interpretações para a personagem-título, ele convoca uma outra imagem de leitor que, lisonjeiramente, qualifica de “Mais esperto que os outros” e cuja esperteza parece consistir na interpretação de Miss Dollar como “brasileira dos quatro costados”, vindo seu nome à conta de sua riqueza: “Miss Dollar quer dizer apenas que a rapariga é rica”. E só depois dessa célere multiplicação de leitores imaginários, incessantemente extraídos de sua algibeira, que, para alívio dos leitores de carne e osso, o narrador cumpre finalmente sua promessa, e desvela a identidade de Miss Dollar: “A Miss Dollar do romance não é a menina romântica, nem a mulher robusta, nem a velha literata, nem a brasileira rica (...) Miss Dollar é uma cadelinha galga”.

Marisa Lajolo. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática 2011, p.56-57 (com adaptações).

Julgue os itens que se seguem, relativos ao texto precedente, que consiste em uma leitura literária do conto **Miss Dollar**, de Machado de Assis.

- 70 A organização retórica do conto de Machado de Assis baseia-se em uma “célere multiplicação de leitores imaginários”, cujas definições de Miss Dollar são frustradas ante a revelação final do narrador, a qual resulta em efeito cômico de surpresa para o leitor real.
- 71 Infere-se da leitura do texto que o leitor ‘Mais esperto que os outros’ é aquele capaz de adivinhar os propósitos do autor de um texto literário, baseando-se, sobretudo, nas informações oferecidas pelo narrador em 3.ª pessoa, onisciente e neutro.
- 72 A partir da argumentação da autora do texto, é possível afirmar que **Miss Dollar** é um conto cuja matéria literária é a própria arte de construir uma narrativa na qual os leitores são também virtuais personagens.
- 73 Segundo o entendimento da autora do texto precedente, a galeria de leitores personagens do conto **Miss Dollar** sugere o caráter provinciano e pouco imaginativo do público leitor da época, incapaz de acompanhar a volúpia criativa do autor.
- 74 A recuperação de diferentes definições da personagem Miss Dollar atribuídas aos leitores no conto homônimo de Machado de Assis anuncia a feição irônica e satírica que caracteriza a obra machadiana.

As abordagens da linguagem do ponto de vista filosófico, estrutural, funcional e até discursivo conservam, de alguma forma, o gesto de Saussure ao considerar na linguagem uma dualidade fundamental: língua/fala, código/mensagem, competência/performance, língua/discurso. Se contestam o objeto da linguística colocado por Saussure, nunca o fazem de uma maneira radical. Mesmo quando buscam, no objeto da linguística, a parte marginalizada por Saussure, a linguagem continua a ser concebida como uma entidade de duas faces: uma formal, constituída pelo “núcleo duro” da língua e uma outra parte por meio da qual a linguagem se relaciona com o mundo pela ação dos falantes.

Essa dualidade da linguagem foi, contudo, duramente contestada pelo filósofo soviético Bakhtin, já no final da década de 20. A oposição que Bakhtin faz a Saussure é radical, se levarmos em conta que a linguagem, para esse filósofo, não se divide em duas instâncias. A enunciação, “a verdadeira substância da língua”, é, para Bakhtin, a síntese do processo da linguagem, o conceito-chave para se entender os processos linguísticos.

Bakhtin afasta-se de Saussure ao ver a língua como algo concreto, fruto da manifestação interindividual, valorizando assim, a manifestação concreta da língua e não o sistema abstrato de formas. E essa manifestação é eminentemente social.

Segundo Bakhtin, o que de fato existe é o processo linguístico, sendo a enunciação o motor da língua: “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes”.

Silvia Helena Barbi Cardoso. *Discurso e ensino*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica/FALE-UFMG, 2005. p. 24-25. (com adaptações).

A partir das ideias veiculadas no texto precedente, julgue os itens que se seguem, relativos às concepções de língua, linguagem e interação.

- 75 É correto concluir que o texto tem como principal interlocutor os falantes de língua portuguesa, pois a temática nele abordada é o idioma nacional.
- 76 No texto, as afirmações de que a dualidade da linguagem foi “duramente contestada por Bakhtin” e de que a “oposição que Bakhtin faz a Saussure é radical” comprovam a intenção da autora em criticar os estudos saussurianos da linguagem.
- 77 Ao mencionar a “parte marginalizada por Saussure”, a autora se refere às concepções linguísticas que não apresentam a distinção entre língua como sistema e língua como instrumento de interação.
- 78 A dualidade entre língua e discurso está no fato de que, ao mesmo tempo em que a língua se constitui como um sistema, ela é passível de influências subjetivas, históricas e sociais, e o discurso, por sua vez, é o lugar em que essas influências se manifestam.
- 79 Segundo a concepção adotada oficialmente no ensino de língua portuguesa no Brasil, a língua é fruto do processo interativo, como propõe Bakhtin.
- 80 A abordagem de língua proposta por Bakhtin, ainda que se afaste da apresentada por Saussure, compartilha com esta o princípio de que a língua é um fato social.
- 81 As funções da linguagem predominantes no texto são a referencial e a metalinguística, o que se observa pelo fato de ele ser informativo e o tema nele abordado ser a própria linguagem.

Art. 1.º Fica proibido o uso indiscriminado de celulares e outros dispositivos eletrônicos pelos alunos nas unidades de ensino da rede pública municipal, estadual, federal e privada em todo o território nacional, exceto para os casos de pessoas com necessidades especiais, tais como autistas, entre outras.

Parágrafo Único. Os professores e órgãos fiscalizadores e responsáveis pela educação nacional, estadual, municipal e as instituições educacionais deverão regulamentar o possível uso desses equipamentos quando necessário, através de portaria interna, versando sobre: quando, como e em quais locais e atividades deverão ser utilizados.

Brasil. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei n.º 246/2024 (em tramitação).  
Internet: <camara.leg.br> (com adaptações).

Considerando as ideias e o estilo do texto precedente, bem como as concepções de linguagem, língua e interação, julgue os itens a seguir.

- 82 De acordo com a concepção enunciativo-discursiva da linguagem, é correto afirmar que, mesmo em textos normativos, como o apresentado, o sentido só se completa no processo de interlocução.
- 83 No texto, um dos recursos linguísticos que evidenciam a intencionalidade do discurso é o emprego do modo verbal imperativo.
- 84 No texto, o emprego da linguagem denotativa e da variedade padrão justificam-se pela necessidade de se manter a precisão e a clareza do discurso e facilitar a compreensão do leitor.
- 85 Predomina no texto a função apelativa da linguagem, visto que seu objetivo discursivo é estabelecer uma regra a que todos devem obedecer.

### Uma galinha

Parecia calma. Desde sábado encolhera-se num canto da cozinha. Não olhava para ninguém, ninguém olhava para ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra. Nunca se adivinharia nela um anseio.

Foi pois uma surpresa quando a viram abrir as asas de curto voo, inchar o peito e, em dois ou três lances, alcançar a murada do terraço. Um instante ainda vacilou — o tempo da cozinheira dar um grito — e em breve estava no terraço do vizinho, de onde, em outro voo desajeitado, alcançou um telhado. Lá ficou em adorno deslocado, hesitando ora num, ora noutro pé. A família foi chamada com urgência e consternada viu o almoço junto de uma chaminé. O dono da casa, lembrando-se da dupla necessidade de fazer esporadicamente algum esporte e de almoçar, vestiu radiante um calção de banho e resolveu seguir o itinerário da galinha: em pulos cautelosos alcançou o telhado onde esta, hesitante e trêmula, escolhia com urgência outro rumo. A perseguição tornou-se mais intensa. De telhado a telhado foi percorrido mais de um quarteirão da rua. Pouco afeita a uma luta mais selvagem pela vida, a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar, sem nenhum auxílio de sua raça. O rapaz, porém, era um caçador adormecido. E por mais ínfima que fosse a presa o grito de conquista havia soado.

Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada. Às vezes, na fuga, pairava ofegante num beiral de telhado e enquanto o rapaz galgava outros com dificuldade tinha tempo de se refazer por um momento. E então parecia tão livre.

Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga. Que é que havia nas suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista. Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma.

Julgue os itens a seguir, referentes a recursos estilísticos e estruturais do fragmento apresentado do conto **Uma galinha**, de Clarice Lispector.

- 86 A expressão “o almoço” (quarto período do segundo parágrafo) retoma, por coesão lexical, o termo que nomeia a personagem título do texto.
- 87 As expressões “em pulos cautelosos” e “hesitante e trêmula” (quinto período do segundo parágrafo) são empregadas em referência a um mesmo personagem.
- 88 Estaria de acordo com a ortografia oficial vigente caso o vocábulo “voo” estivesse grafado da seguinte forma: **vôo**.
- 89 O termo “outros” (segundo período do terceiro parágrafo) refere-se a “pai” e “mãe” (primeiro período do terceiro parágrafo).

Em relação a estruturas e recursos de estilo do trecho precedente de **Uma galinha**, julgue os itens seguintes.

- 90 O sétimo período do segundo parágrafo poderia ser reescrito, com correção gramatical e sentido equivalente ao original, da seguinte forma: **De telhado a telhado, percorreu-se mais de um quarteirão da rua.**
- 91 A frase “Estúpida, tímida e livre” (primeiro período do último parágrafo) reúne termos que, organizados em sequência, compõem uma gradação.
- 92 No terceiro período do último parágrafo, a expressão “é que” é expletiva, utilizada apenas por razões estilísticas.
- 93 No primeiro período do segundo parágrafo, o vocábulo “pois” tem sentido conclusivo, sendo equivalente a **portanto**.
- 94 No sexto período do último parágrafo, estabelece-se, com o uso da vírgula antes a conjunção “como”, uma relação textual de conformidade.
- 95 O último período do segundo parágrafo tem, em relação ao período precedente, sentido aditivo.
- 96 Pela forma como a autora utiliza recursos narrativos ficcionais e factuais, conclui-se que o texto pode ser caracterizado como uma reportagem.

### Espaço livre

**Canção para os fonemas da alegria**

Thiago de Mello

Peço licença para algumas coisas.  
Primeiramente para desfraldar  
este canto de amor publicamente.

Sucede que só sei dizer amor  
quando reparto o ramo azul de estrelas  
que em meu peito floresce de menino.

Peço licença para soletrar,  
no alfabeto do sol pernambucano,  
a palavra ti-jo-lo, por exemplo,

e poder ver que dentro dela vivem  
paredes, aconchegos e janelas,  
e descobrir que todos os fonemas

são mágicos sinais que vão se abrindo  
constelação de girassóis gerando  
em círculos de amor que de repente  
estalam como flor no chão da casa.

Às vezes nem há casa: é só o chão.  
Mas sobre o chão quem reina agora é um homem  
diferente, que acaba de nascer:

porque unindo pedaços de palavras  
aos poucos vai unindo argila e orvalho,  
tristeza e pão, cambão e beija-flor,

e acaba por unir  
a própria vida  
no seu peito partida e repartida  
quando afinal descobre num clarão

que o mundo é seu também, que o seu trabalho  
não é a pena que paga por ser homem,  
mas um modo de amar — e de ajudar

o mundo a ser melhor. Peço licença  
para avisar que, ao gosto de Jesus,  
este homem renascido é um homem novo:

ele atravessa os campos espalhando  
a boa-nova, e chama os companheiros  
a pelejar no limpo, frente a frente,

contra o bicho de quatrocentos anos,  
mas cujo fel espesso não resiste  
a quarenta horas de total ternura.

Peço licença para terminar  
soletrando a canção de rebeldia  
que existe nos fonemas da alegria:

canção de amor geral que eu vi crescer  
nos olhos do homem que aprendeu a ler.

Thiago de Mello. *Faz escuro mas eu canto*. São Paulo: Global Editora, 2017.

Julgue os itens que se seguem, relativos à análise linguística do poema precedente.

**97** A primeira estrofe do poema é redigida na modalidade formal da língua e em conformidade com a norma culta.

- 98** No último verso da décima segunda estrofe, o emprego do vocábulo “a” justifica-se pela regência do verbo ‘resistir’, expresso sob a forma “resiste”.
- 99** No primeiro verso da segunda estrofe, o trecho que se segue à forma verbal “Sucede” funciona sintaticamente como objeto direto.
- 100** No terceiro verso da terceira estrofe, “ti-jo-lo” apresenta-se separado em suas unidades mínimas significativas, denominadas sílabas.
- 101** No terceiro verso da décima estrofe, é facultativo o emprego de vírgula após “renascido”.
- 102** Na oração “que dentro dela vivem / paredes, aconchegos e janelas” (primeiro e segundo versos da quarta estrofe), o sujeito está posposto ao predicado.
- 103** No primeiro verso da quinta estrofe, o vocábulo “que” classifica-se gramaticalmente como pronome relativo, o qual se refere, na estrutura sintática do poema, ao termo “fonemas” (último verso da quarta estrofe) e funciona como sujeito da oração em que se insere.
- 104** Na primeira oração da sexta estrofe, a substituição do vocábulo “nem” por **não** preservaria a coerência do poema, mas alteraria a carga semântica atribuída ao verso.
- 105** No primeiro verso da sétima estrofe, o sujeito da oração “unindo pedaços de palavras” remete, semanticamente, ao sintagma “um homem / diferente”, na estrofe anterior.
- 106** A diferença de sentido entre a expressão “acaba por unir” (primeiro verso da oitava estrofe), a forma verbal “unindo” (primeiro verso da sétima estrofe) e a locução “vai unindo” (segundo verso da sétima estrofe) está relacionada ao tempo e ao modo verbais.
- 107** No trecho, “quando afinal descobre num clarão / que o mundo é seu também, que o seu trabalho / não é a pena que paga por ser homem” (último verso da oitava e primeiro e segundo versos da nona estrofe), identificam-se tanto o processo de subordinação quanto o de coordenação entre orações.
- 108** Na décima estrofe, a palavra “melhor” classifica-se gramaticalmente como advérbio.

Julgue os itens seguintes, referentes ao currículo de Sergipe de língua portuguesa para o ensino fundamental.

- 109** Parodiar poemas e canções conhecidos da literatura local e mundial e criar textos em versos, explorando o uso de recursos sonoros e semânticos e visuais, de forma a propiciar diferentes efeitos de sentido e publicá-los em coletâneas, é uma das habilidades de produção de texto relacionadas ao campo artístico-literário para os 8.º e 9.º anos do ensino fundamental.
- 110** Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção de textos), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais são ações previstas em uma das competências específicas de língua portuguesa para o ensino fundamental, voltada para os multiletramentos.
- 111** Coesão é um dos objetos de conhecimento a ser trabalhado em todos os campos de atuação, que abrangem o campo da vida pública e o campo jornalístico-midiático.
- 112** Constitui habilidade relacionada ao campo da vida pública para o ensino fundamental distinguir, em segmentos descontínuos de textos jornalísticos da realidade local dos alunos, bem como de textos de circulação social, um fato de uma opinião enunciada em relação a esse fato.
- 113** O organizador curricular de língua portuguesa do currículo de Sergipe apresenta-se em forma de tabelas e contém 5 campos de atuação: campo da vida cotidiana (somente anos iniciais), campo artístico-literário, campo das práticas de estudo e pesquisa, campo jornalístico/midiático e campo de atuação na vida pública, sendo esses dois últimos fundidos nos anos iniciais do ensino fundamental, com a denominação campo da vida pública.

Em relação à metodologia de ensino da língua portuguesa, sua organização didático-pedagógica e implicações na construção do conhecimento em sala de aula, julgue os itens a seguir, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do ensino fundamental para o componente de língua portuguesa e com o currículo de língua portuguesa de Sergipe.

- 114** A contribuição do estruturalismo ao ensino de línguas, por meio do método estrutural e seus exercícios, dá-se principalmente no que se refere ao desenvolvimento das habilidades de produção (falar e escrever).
- 115** De acordo com a BNCC, os conhecimentos sobre a língua, as demais semioses e a norma-padrão são conteúdos dissociados das práticas de linguagem, uma vez que não propiciam reflexão a respeito do funcionamento da língua no contexto dessas práticas.
- 116** O conhecimento da ortografia, da pontuação, da acentuação deve ser abordado apenas nos anos finais do ensino fundamental, conforme o ano da escolaridade.
- 117** Além dos gêneros textuais cuja abordagem é sugerida na BNCC, outros gêneros textuais podem e devem ser incorporados aos currículos das escolas, bem como podem ser contemplados em anos diferentes dos indicados.
- 118** O método tradicional de ensino de língua portuguesa fundamenta-se na linguística, na psicologia e na pedagogia.
- 119** O professor deve estar atento ao fato de que a língua oral não deverá ser uma referência no aprendizado da língua escrita para não induzir o estudante ao erro.
- 120** O currículo de língua portuguesa de Sergipe alinha-se aos objetivos formulados na BNCC no que se refere ao respeito à individualidade do aprendiz nas inúmeras particularidades e pluralidades que se materializam no cotidiano da sala de aula, inclusive no que concerne à cultura local e regional.

---

**Espaço livre**

---